

EDITORIAL

Continuamos a jornada, aquela iniciada em 1982, quando sonhamos que a nossa Academia poderia ter um veículo de comunicação, a partir do pensamento — Fazer Universidade. Inumeráveis os caminhos; a escolha acertada, o convite aos companheiros, sentidos alertas ao novo, e andar, andar e andar. Pelas veredas —, flores e espinhos, passarinhos e gaviões, rios de águas límpidas e pântanos. A vivência levando-nos a entender o processo, a superar as dificuldades e a continuar na trilha do que foi idealizado, e, no ponto da prática, acertos e desacertos na tentativa do melhor passo. Está aí, então, o fruto desses anos de trabalho profícuo, de abnegação, de persistência, de disciplina, e o toque, quase que mágico, da ciência, da arte, da técnica, com o tênue fio da religiosidade. Isso tudo é vida... . E não é mágica, a VIDA? E num sentido maior dos mistérios que, ainda, o homem não decifrou?

(Como é belo, extasiante, contemplar uma borboleta — de flor em flor. Digno exemplo de transformação da natureza. Transformar-se, sempre, para melhor. E como é triste, vê-la, seca, imóvel, num arquivo qualquer).

1998 — Chegamos ao número 18. Sem tratos místicos —, números, enquanto realização humana, alcance de mais um degrau, para, deveras, “aos que têm sede”.

A presença dos diversos departamentos confirmam o crescimento da produção acadêmica da UEFS, haja vista, inclusive, o maior número de docentes com cursos de pós-graduação, no afã de seus labores, confirmando que o ensino, a pesquisa e a extensão (e é óbvio) não são

indissociáveis. Com as condições e estrutura estabelecidas, o professor produz para e além da sala de aula (E, aí, está um dos nós da questão). Mantendo a regularidade de participação neste periódico, encontram-se os departamentos de Biologia, de Saúde, de Ciências Humanas e Filosofia e de Letras e Artes. Os departamentos de Ciências Sociais Aplicadas e de Tecnologia, por sua vez, retornam e são bem-vindos.

Na primeira capa, uma expressão artística de autoria da professora Gláucia Trinchão, do desenhista Van Barbuda e de Regivaldo S. Rios, inspirada no Brasão de Armas da UEFS. Na última capa, uma reprodução de um quadro da artista plástica — Leonice Barbosa — com uma temática regional. Ratifica, assim, mais uma vez, o nosso compromisso, também, com as manifestações culturais, oriundas da região do semi-árido.

Pluralista, desde o início, *Sitientibus* cumpre papel relevante, previsto desde o projeto original e que, de fato, tem possibilitado a conquista de espaço no amplo campo das revistas universitárias, no âmbito nacional e internacional.

Contudo, outros horizontes se delineiam. A diversidade é algo que toma vulto no momento em que a produção de textos alcançar um patamar que garanta uma *Sitientibus* desdobrada, tendo por base as áreas (Ciências Humanas e Filosofia, Ciências Biológicas e da Saúde, Letras e Artes, Ciências Exatas e Tecnologia) que norteiam o conhecimento e não revistas isoladas, por departamento, posto que é notório que nem todos eles produzem, no momento, o suficiente para manter publicações sem sofrer solução de continuidade. Há, em verdade, embriões. Parece-nos que, numa mudança, mais imediata, dos rumos de *Sitientibus*, àquela(das áreas) mostra ser a mais viável. Temos consciência de que, ao abrirmos as portas, naquela época, 1982, chegaríamos a uma experiência que tenderia sempre a

elastecer-se, a crescer, a ajustar-se a novos tempos. Como foi importante Começar e Continuar, — semente, árvore e frutos. Lembremos as palavras da Magnífica Reitora, Professora Anaci Bispo Paim, transcritas do n.17, 1997, p.7: *O atual momento da UEFS, às portas do recredenciamento como Universidade pública, autônoma e gratuita, requer a confirmação cada vez mais insistente da manutenção deste valioso veículo de divulgação da produção do conhecimento, servindo 'aos que têm sede'.*

Nossos agradecimentos a todos os que colaboraram, de diversas maneiras, para que este número se concretizasse.

Sursum corda.

Feira de Santana, 23 de março de 1998.

RAYMUNDO LUIZ DE OLIVEIRA LOPES
Editor